



TEOLOGIA NATURAL

Uma nova abordagem

ALISTER E. McGRATH

Teologia natural, de Alister McGrath, fornece nada menos do que os fundamentos de uma vigorosa renovação da teologia natural para o nosso tempo. Teólogos e outros que consideravam a teologia natural um assunto esgotado serão levados a reconsiderar sua posição depois de ler esse livro extremamente sofisticado, acadêmico, criativo e prazeroso.

John F. Haught, professor-pesquisador da Georgetown University e autor de *Essential writings on science and Faith*

Esse é o McGrath clássico: convicto, abrangente, vigoroso na exposição e resolutivo na argumentação. Ninguém é mais qualificado que ele para defender uma teologia atualizada da natureza. Esse livro certamente terá uma gama diversificada de leitores e fomentará debates proveitosos.

John Webster, King's College, Aberdeen

Uma impressionante defesa de uma nova e revitalizada teologia natural. Um livro muito bem elaborado, oportuno e provocativo.

Peter Harrison, Harris Manchester College, Oxford, organizador de *Ciência e religião* (Ideias e Letras)

Sumário

<i>Agradecimentos</i>	11
Teologia natural: apresentando uma abordagem	13
“Natureza” é um conceito impreciso	18
A teologia natural é uma disciplina empírica.....	21
Uma teologia natural cristã diz respeito ao Deus cristão	23
A teologia natural é encarnacional, não dualista	25
Ressonância, não prova: teologia natural e correspondência empírica.....	26
Além da produção de sentido: o bom, o verdadeiro e o belo.....	29
PRIMEIRA PARTE	
A busca humana pelo transcendente:	
o contexto da teologia natural	31
1 A persistência do transcendente	33
Teologia natural e o transcendente	37
As causas das experiências transcendentais.....	42
O transcendente e a religião	44
2 Pensando sobre o transcendente: três exemplos recentes	49
Iris Murdoch: o transcendente e o sublime.....	53
Roy Bhaskar: a proposta da metarrealidade	57
John Dewey: a plausibilidade singular do transcendente	59
3 Acessando o transcendente: estratégias e práticas	65
Ascender da natureza para o transcendente.....	66
Ver o transcendente por meio da natureza.....	71
Afastar-se da natureza para encontrar o transcendente em si mesmo.....	74
Discernir o transcendente na natureza.....	77
4 O discernimento e a psicologia da percepção	85
A percepção está baseada no cérebro	88
A percepção envolve estruturas mentais dinâmicas.....	91

A percepção é egocêntrica e enativa	96
A percepção presta atenção ao significado	101
A percepção pode ser ajustada por motivação e afeto	106
Percepção humana e teologia natural	108
CONCLUSÃO DA “PRIMEIRA PARTE”.....	113

SEGUNDA PARTE

Os fundamentos da teologia natural:

desbravamento e redescoberta..... 115

5 O segredo aberto: a ambiguidade da natureza	117
O mistério do reino: Jesus de Nazaré e a esfera natural	118
Os níveis da natureza: as declarações “Eu sou” do Evangelho de João ...	127
Gerard Manley Hopkins sobre “ver” a natureza.....	134
6 Um beco sem saída? Abordagens iluministas à teologia natural.....	141
O Iluminismo e suas teologias naturais: reflexões históricas.....	142
As múltiplas traduções e interpretações do “livro da natureza”	148
Os pressupostos psicológicos equivocados do Iluminismo.....	155
A controvérsia Barth-Brunner (1934) e a percepção humana	158
Formas iluministas de teologia natural: críticas conclusivas.....	164
7 Uma abordagem cristã à teologia natural	171
Sobre “ver” a glória: o prólogo do Evangelho de João	171
Um exemplo bíblico: o chamado de Samuel.....	174
A tradição cristã como estrutura para a teologia natural.....	177
A teologia natural e o Deus que se revela	178
A teologia natural e uma analogia entre Deus e a criação.....	183
A teologia natural e a imagem de Deus.....	187
A teologia natural e a economia da salvação.....	195
A teologia natural e a encarnação	205
CONCLUSÃO DA “SEGUNDA PARTE”.....	212

TERCEIRA PARTE

Verdade, beleza e bondade:

proposta para uma teologia natural renovada..... 213

8 Verdade, beleza e bondade: expandindo a visão para a teologia natural	215
---	-----

9 Teologia natural e verdade	225
Ressonância, não prova: teologia natural e produção de sentido	225
A visão do todo, e não das lacunas: teologia natural e a observação do mundo	230
Teologia natural, pensamento contraintuitivo e fenômenos antrópicos ...	232
Teologia natural e a matemática: uma maneira “natural” de representar a realidade.....	236
Verdade, teologia natural e outras tradições religiosas	240
Sobre o resgate da riqueza da verdade	243
Verdade e uma teologia natural da imaginação	246
10 Teologia natural e beleza	251
Resgatando o papel da beleza na teologia natural.....	252
A negligência da beleza: a “desconversão” de John Ruskin.....	255
Hugh Miller sobre as deficiências estéticas da produção de sentido	257
John Ruskin e a representação da natureza.....	260
A beleza das representações teóricas da natureza.....	262
Beleza, maravilhamento e envolvimento estético com a natureza.....	265
A estética e a “visão” da beleza.....	268
Beleza, teologia natural e apologética cristã.....	270
11 Teologia natural e bondade	279
A visão moral da realidade.....	279
Teologia natural e lei natural	282
O eterno retorno do direito natural	284
A ambivalência moral da natureza.....	287
A cognoscibilidade da bondade na natureza.....	293
O discernimento da bondade: o dilema de Êutifron.....	296
CONCLUSÃO DA “TERCEIRA PARTE”.....	298
Conclusão	301
<i>Bibliografia</i>	303
<i>Índice remissivo</i>	357

Agradecimentos

É um prazer agradecer aos que contribuíram para a produção deste livro. Minha maior dívida é, certamente, para com Joanna Collicutt, minha assistente de pesquisa neste projeto e agora professora de psicologia da religião no Heythrop College, Universidade de Londres. Sua pesquisa para esta obra se concentrou em John Ruskin, John Dewey e o material bíblico, particularmente o chamado de Samuel, as parábolas de Jesus e as declarações “Eu sou” do Evangelho de João. Ela forneceu consultoria especializada sobre psicologia da religião, escreveu o capítulo 4, que trata da neuropsicologia cognitiva da percepção, e algumas partes de outros capítulos. Ela também propôs o título original desta obra.

Agradeço também o apoio financeiro da John Templeton Foundation, sem o qual este livro jamais teria sido escrito. O argumento e a abordagem desta obra tomaram forma, em parte, mediante conversas significativas com Justin Barrett, John Barrow, John Hedley Brooke, Simon Conway Morris, Paul Davies, Daniel Dennett, Robert McCauley e Thomas F. Torrance. Embora esses estudiosos talvez não concordem com a abordagem adotada nesta obra, é apropriado agradecer sua gentileza em discutir alguns temas centrais relacionados à teologia natural e reconhecer a importância de suas perspectivas na formação de minha análise das questões fundamentais. Permaneço completamente responsável por erros deste livro relacionados a fatos ou a juízos.

Esta obra representa uma versão substancialmente ampliada das Conferências Riddell Memorial (2008) na Universidade de Newcastle, Inglaterra. Ela também inclui material originalmente apresentado como o Sermão Mulligan de 2005 no Gray’s Inn e a Palestra Warburton de 2006 no Lincoln’s Inn. Sou grato a ambos os antigos Inns of Court de Londres por seus convites para discursar sobre o tema da relação entre a teologia e a lei, e por sua generosa hospitalidade. Agradeço também a Michelle Edmonds, que sugeriu a ilustração da capa do livro, a Jenny Roberts, por sua habilidade como editora de texto, e a Rebecca Harkin, da Blackwell Publishing, por seu incentivo e sua paciência à medida que a obra tomava forma gradualmente.

ALISTER McGRATH,
Oxford,
junho de 2007

Teologia natural: apresentando uma abordagem

Os céus proclamam a glória de Deus,
e o firmamento anuncia as obras das suas mãos.
Um dia declara isso a outro dia,
e uma noite revela conhecimento a outra noite.
(Sl 19.1,2)

Quando contemplo os teus céus, obra dos teus dedos,
a lua e as estrelas que estabeleceste,
que é o homem, para que te lembres dele?
E o filho do homem, para que o visites?
(Sl 8.3,4)

Porque, assim como o céu é mais alto do que a terra,
os meus caminhos são mais altos que os vossos caminhos,
e os meus pensamentos mais altos que os vossos pensamentos.
(Is 55.9)

Essas palavras conhecidas das Escrituras hebraicas caracterizam toda a iniciativa e tarefa da teologia natural: elas confirmam sua possibilidade, ao mesmo tempo que indicam as contradições e tensões fundamentais que essa possibilidade cria. Se os céus realmente “proclamam a glória de Deus”,¹ isso significa que se pode conhecer algo sobre Deus por meio deles, que a ordem natural é capaz de revelar algo do divino. Mas isso não implica automaticamente que os *seres*

¹O termo hebraico em Salmos 19.1 traduzido por “proclamar” pode ter outros significados como “declarar”, “anunciar” e “enumerar”. Veja tb. James Barr, “Do we perceive the speech of the heavens? A Question in Psalm 19”, in: Jack C. Knight; Lawrence A. Sinclair, orgs., *The Psalms and other studies on the Old Testament* (Nashotah: Nashotah House Seminary, 1990), p. 11-7. Alguns autores cristãos medievais interpretaram esse salmo de modo alegórico, sustentando que a citação de Paulo do salmo em Romanos 10.18 indicava que o salmo inteiro era uma profecia da pregação apostólica mediante a alegoria ou imagem dos céus criados. Essa perspectiva foi rejeitada por Martin Bucer, que considerou a abordagem exegeticamente improvável. Veja R. Gerald Hobbs, “How firm a foundation: Martin Bucer’s historical exegesis of the Psalms”, *Church History* 53 (1984): 477-91.

humanos, situados como estão na natureza, sejam capazes por si mesmos, ou até mesmo capazes em quaisquer condições, de compreender o divino por meio da ordem natural. E se os céus “proclamam a glória de Deus” em uma língua que não conseguimos entender? E se a glória de Deus realmente está presente na natureza, mas não conseguimos identificá-la?

A teologia natural pode ser amplamente entendida como a investigação sistemática de uma relação proposta entre o mundo cotidiano de nossa experiência² e uma realidade transcendente afirmada,³ uma ideia antiga e universal que alcançou desenvolvimento significativo no pensamento dos primeiros pais cristãos⁴ e continua a ser o assunto de muita discussão hoje. Contudo, é essencial perceber que o envolvimento sério com a teologia natural do século 21 enfrenta dificuldades tanto por um miasma na definição quanto pelas memórias remanescentes de controvérsias do passado, que criaram um clima de desconfiança em relação a essa iniciativa em muitos círculos. Como Christoph Kock indica em seu excelente estudo recente acerca dos tesouros da teologia natural no protestantismo, quase parece haver uma pressuposição em alguns círculos de que a “teologia natural” representa um tipo de heresia.⁵

As sombras espessas que se projetam de debates históricos e circunstâncias culturais quase esquecidos deram origem a preconceitos e forjaram abordagens à teologia natural a partir de contextos específicos que se revelaram excepcionalmente mal adaptados à situação teológica contemporânea. A ideia de “teologia natural” se mostrou tão conceitualmente fluida, resistente à definição precisa, que seus críticos podem facilmente apresentá-la como uma subversão da revelação divina, e seus adeptos, com a mesma facilidade, como seu resultado evidente. Em vez de perpetuar essa situação insatisfatória, há muitos elementos que favorecem um novo começo, deixando realmente de lado definições, preconceitos, juízos e atitudes discriminatórias do passado, para permitir uma nova análise dessa ideia fascinante e significativa.

²Ao longo desta obra, assumiremos uma cosmovisão realista, sem apresentar uma defesa detalhada dela. Para uma defesa dessa hipótese veja Alister E. McGrath, *A scientific theology* (London: T&T Clark, 2002), vol. 2: *Reality*, p. 121-313.

³A existência dessa realidade transcendente não é universalmente aceita: veja, e.g., a posição defendida por Bertrand Russell, “On denoting”, *Mind* 14 (1905): 479-93.

⁴Veja esp. Jaroslav Pelikan, *Christianity and classical culture: the metamorphosis of natural theology in the Christian encounter with Hellenism* (New Haven: Yale University Press, 1993).

⁵Christoph Kock, *Natürliche Theologie: ein evangelischer Streitbegriff* (Neukirchen-Vluyn: Neukirchener, 2001), p. 392-5, sugere que antes de qualquer reconstrução da disciplina ser possível, há a necessidade de fazer “die Enthäretisierung natürlicher Theologie” (p. 392), uma expressão de difícil compreensão e artificial, que é provavelmente mais bem parafraseada como “a remoção do estigma de heresia da teologia natural”.

Este livro se propõe a desenvolver uma abordagem caracteristicamente cristã à teologia natural, recuperando e reformulando abordagens mais antigas, que foram marginalizadas ou consideradas antiquadas nos últimos anos, ao estabelecê-las em bases intelectuais mais seguras. Defendemos que, se a natureza deve revelar o transcendente, ela deve ser “percebida” ou “lida” de certas formas específicas — formas que não são em si necessariamente ordenadas pela própria natureza. Argumenta-se que a teologia cristã fornece um quadro interpretativo pelo qual a natureza pode ser “vista” de uma forma que se relacione com o transcendente. Portanto, a tarefa da teologia natural é de discernimento — ver a natureza de uma forma específica, vê-la através de óculos únicos e precisos.

Existem muitas formas de “teologia natural”, e a longa história de reflexão teológica cristã testemunha uma rica diversidade de abordagens, nenhuma delas alcançando a proeminência — até o surgimento do Iluminismo. Como veremos, o surgimento da “Idade da Razão” deu origem a um grupo de abordagens à teologia natural que defenderam sua capacidade de demonstrar a existência de Deus sem recorrer a quaisquer crenças religiosas ou pressuposições. Esse desenvolvimento, que reflete a ênfase do Iluminismo sobre a autonomia e soberania da razão humana sem ajuda externa, teve um impacto muito significativo na formação das atitudes cristãs à teologia natural. Sua influência foi tanta que, para muitos cristãos, agora há um pressuposto inconsciente de que a “teologia natural” designa a tarefa de defender e demonstrar a existência de Deus com base direta na observação da natureza.

Esta obra se opõe a essa abordagem, argumentando a favor de uma redefinição conceitual e uma relocação metodológica da teologia natural. Ao contrário das aspirações do Iluminismo por uma teologia natural universal, baseada na razão humana comum e na experiência da natureza, sustentamos que uma teologia natural cristã está fundamentada em um alicerce teológico cristão característico e é definida por ele. O entendimento cristão da natureza é o pré-requisito intelectual para uma teologia natural que revela o Deus cristão.

O cristianismo apresenta uma redefinição do “natural”, com implicações muito importantes para uma “teologia natural”. Pode-se dizer que o “evento Cristo” definitivo, como interpretado pela doutrina cristã distintiva e característica da encarnação, redime a categoria do “natural”, permitindo que ele seja visto de uma nova maneira. Em nossa compreensão, uma “teologia natural” possível é, na verdade, uma “teologia natural cristã”, à medida em que ela é formulada e possibilitada pelas ideias normativas da fé cristã. Uma teologia natural devidamente cristã aponta para o Deus da fé cristã, não para

alguma ideia generalizada de divindade separada da vida e do testemunho da igreja.⁶

O conceito de *discernimento* cristão — de ver as coisas à luz de Cristo — é muitas vezes encontrado em todo o Novo Testamento. Paulo exorta seus leitores a não se amoldarem “ao esquema deste mundo”, mas a serem “transformados pela renovação da [sua] mente” (Rm 12.2) — afirmando assim a capacidade da fé cristã de produzir uma mudança radical na forma que entendemos e habitamos o mundo.⁷

O Novo Testamento usa uma ampla variedade de imagens para descrever essa mudança, muitas delas sugerem uma mudança na forma de ver as coisas: nossos olhos são abertos, e um véu é removido (At 9.9-19; 2Co 3.13-16). Essa “transformação pela renovação da mente” torna possível ver e interpretar as coisas de uma nova maneira. Por exemplo, as Escrituras hebraicas passaram a ser entendidas como um texto que aponta para seu cumprimento final em Cristo, ou seja, ultrapassando seu contexto histórico imediato.⁸ De forma semelhante, o mundo passa a ser visto como algo que aponta para Cristo, seu Criador supremo, ou seja, para além da esfera da experiência cotidiana.⁹

Uma teologia natural cristã, portanto, está relacionada à observação da natureza de uma maneira específica, que torna possível identificar a verdade, a beleza

⁶Esse aspecto foi ressaltado por Stanley Hauerwas em suas recentes palestras Gifford: Stanley Hauerwas, *With the grain of the universe: the church's witness and natural theology* (London: SCM, 2002), p. 15-6: “A teologia natural separada de uma doutrina [cristã] completa sobre Deus invariavelmente distorcerá o caráter de Deus e, conseqüentemente, também do mundo em que nos encontramos [...] Devo ressaltar que o Deus que move o sol e as estrelas é o mesmo que se encarnou em Jesus de Nazaré” (grifo do autor).

⁷Isso significa mais do que uma mudança cognitiva ou intelectual. Portanto, João Crisóstomo argumenta (*Homilies on Romans*, p. 20) que o sentido do texto de Paulo não é que os cristãos devem observar o mundo de uma maneira nova, mas que a transformação deles pela graça leva-os a observar o mundo dessa nova maneira. Veja a excelente análise em Demetrios Trakatellis, “Being transformed: Chrysostom's exegesis of the Epistle to the Romans”, *Greek Orthodox Theological Review* 36 (1991): 211-29.

⁸Veja Gordon J. Hamilton, “Augustine's methods of biblical interpretation”, in: H. A. Meynell, org., *Grace, politics and desire: essays on Augustine* (Calgary: University of Calgary Press, 1990), p. 103-19; John Barton, “The Messiah in Old Testament theology”, in: John Day, org., *King and Messiah in Israel and the ancient Near East* (Sheffield: Sheffield Academic, 1998), p. 365-79, esp. p. 371-2.

⁹João 1.14-18; Colossenses 1.15-19; Hebreus 1.1-8. Há paralelos importantes aqui com a busca do Renascimento por uma “linguagem natural”, fundamentada na ordem natural, capaz de representar “o que é”, e não apenas “o que é dito”. Veja Allison Coudert, “Some theories of a natural language from the Renaissance to the seventeenth century”, in: Albert Heinekamp; Dieter Mettler, orgs., *Magia Naturalis und die Entstehung der modernen Naturwissenschaften* (Wiesbaden: Steiner, 1978), p. 56-118.

Na opinião de muitos, a teologia natural está em crise. Contudo, essa não é uma opinião compartilhada por Alister McGrath. Segundo o autor, a teologia natural busca enxergar a natureza de um modo cristão e, assim, discernir sua verdade, beleza e bondade.

Neste livro tão esperado, o renomado teólogo apresenta uma visão atualizada da teologia natural, restabelecendo sua legitimidade e utilidade. Ao enfrentar de forma direta as críticas tradicionais e recorrentes ao tema, McGrath desenvolve uma visão intelectualmente rigorosa da teologia natural como ponto de convergência entre a fé cristã, as artes, a literatura e as ciências naturais, abrindo novas e importantes oportunidades de diálogo, sinergia e enriquecimento.

Teologia natural: uma nova abordagem certamente se tornará um recurso e um estímulo fundamental para que a teologia natural continue a ser tema relevante para a fé cristã em nossos dias.

Uma impressionante defesa de uma nova e revitalizada teologia natural. Um livro muito bem elaborado, oportuno e provocativo.

Peter Harrison, Harris Manchester College, Oxford, organizador de *Ciência e religião* (Ideias e Letras)


VIDA NOVA
vidanova.com.br

 /vidanovaedicoes
 @edicoesvidanova
 @edicoesvidanova

